

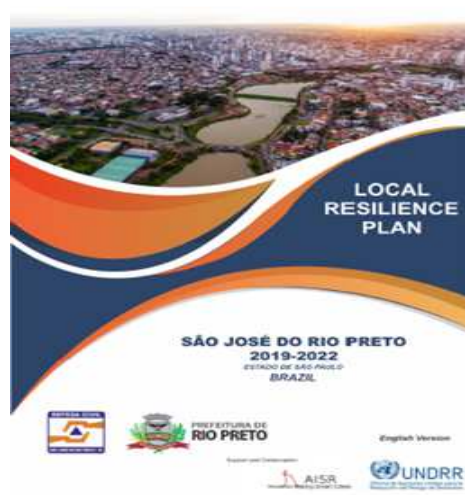


Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 27/12/2019



Plano Local de Resiliência – versão em inglês São José do Rio Preto - SP



Johanna Granados – UNDRR , Campinas, 11 de dezembro de 2019



OPAS/OMS chama países a se prepararem para ondas de calor no hemisfério sul

19 de dezembro de 2019 – Frente às ondas de calor que afetaram Austrália, Canadá, Estados Unidos, Europa, Índia, Paquistão e Japão em 2019 e as previsões de que esse fenômeno atingirá várias partes da América do Sul, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) pedem aos países da Região que se preparem para os impactos que isso pode causar na saúde das pessoas, incluindo a morte.

Nos últimos 12 meses, 24 países das Américas foram afetados por ondas de calor, entre eles Argentina, Bahamas, Barbados, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Estados Unidos, Honduras, Guatemala, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Venezuela e Uruguai.

As previsões meteorológicas para a América do Sul indicam que há probabilidade de ondas de calor que podem aumentar o estresse induzido pelas altas temperaturas, reduzir a disponibilidade de água, aumentar o risco de incêndios florestais e a perda de colheitas. As ondas de calor também podem provocar cortes de energia elétrica, reduzindo o acesso à ventilação, refrigeração e ar condicionado.

Planos de contingência

Devido à situação, a OPAS publicou materiais de comunicação para o público geral sobre medidas que podem ser tomadas, bem como um guia para ajudar os países da Região a formular planos de contingência para lidar com as ondas de calor. Essa publicação fornece recomendações que o setor de saúde e as agências meteorológicas podem implementar para se preparar e responder melhor a essa ameaça, evitar os efeitos adversos das ondas de calor, atender as pessoas afetadas e salvar vidas.

O guia enfatiza que os planos de contingência devem determinar a probabilidade e a intensidade dos impactos na população, emitir alertas e garantir a implementação da resposta de acordo com o nível da ameaça.

Os países devem fortalecer a vigilância epidemiológica da morbidade e da mortalidade associadas ao calor e melhorar a capacidade dos serviços de saúde (capacitação de profissionais, melhorias no desenho de novos hospitais e equipamento dos hospitais existentes em áreas de alto risco. As autoridades locais devem se comunicar efetivamente pelos meios de comunicação e outros canais sobre a ocorrência das ondas de calor, bem como sobre as respostas entre as agências, medidas de prevenção e autocuidado.

Alguns países avançaram no sentido de melhorar a preparação frente às ondas de calor seguindo essas recomendações. Contudo, o conhecimento deste risco ainda é limitado e é necessário aumentar a capacidade de resposta.

O impacto das ondas de calor na saúde humana

A exposição ao calor pode causar sintomas graves, como insolação, causada pela incapacidade do corpo de regular a temperatura; com isso, as pessoas podem apresentar pele quente, seca e vermelha, pulsação rápida e forte, náusea, cãibras e perda de consciência, o que pode levar ao coma e à morte. A maioria das mortes que ocorrem devido às ondas de calor é causada pelo agravamento de doenças infecciosas ou crônicas (cardiopulmonares, renais, endócrinas e psiquiátricas). Outros sintomas são edema nos membros inferiores, erupção cutânea no pescoço, dor de cabeça, irritabilidade, letargia e fraqueza.

Pessoas com maior risco de sofrer complicações ou morte durante uma onda de calor são crianças, idosos e pessoas com condições crônicas que requerem medicação diária.

As reações ao calor dependem da capacidade de cada pessoa se adaptar e efeitos graves podem aparecer repentinamente. Por isso, é importante prestar atenção aos alertas e recomendações das autoridades locais.

Prevenindo os efeitos nocivos do calor

- Informe-se sobre alertas e previsões meteorológicas no rádio e na TV;
- Evite a exposição ao sol durante os horários de maior calor;
- Não deixe crianças ou pessoas idosas sem vigilância em veículos estacionados;
- Evite se exercitar ou praticar atividades intensas ao ar livre sem a proteção adequada;
- Beba água a cada 2 horas, mesmo que não esteja com sede;

- Tome banhos frios ou banhos em locais seguros (evitando correntes fortes de água);
- Mantenha sua casa fresca, cobrindo janelas durante o dia e usando ar-condicionado ou ventiladores nas horas mais quentes. Garanta que as conexões elétricas sejam seguras;
- Se você tem alguma doença crônica e faz uso contínuo de medicamentos, consulte seu médico.

O que fazer se houver sinais e sintomas de exaustão por calor ou insolação?

- A exaustão por calor ocorre em pessoas fisicamente ativas. Sem tratamento, a condição pode piorar e o indivíduo pode desenvolver insolação;
- A insolação é uma emergência médica com risco de morte. O indivíduo deve receber cuidados de saúde em um hospital;
- Interrompa todas as atividades físicas;
- Chame uma ambulância imediatamente;
- Vá ou leve a pessoa afetada para um local fresco;
- Use qualquer meio físico para facilitar o resfriamento (como resfriar a cabeça e o corpo com água e “abanar” a pessoa para reduzir a temperatura).

Sinais de alerta em casos moderados e graves:

Exaustão por calor:

- Transpiração intensa;
- Pele fria e pálida;
- Temperatura abaixo de 40°C;
- Tontura ou desmaio;
- Dor de cabeça;
- Respiração acelerada;
- Pulso rápido e fraco.

Insolação:

- Pele quente, vermelha e seca;
- Temperatura acima de 40°C;
- Dor de cabeça latejante;
- Perda de consciência ou coma;

- Pulso rápido e forte.

FONTE: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6085:opas-oms-chama-paises-a-se-prepararem-para-ondas-de-calor-no-hemisferio-sul&Itemid=839



Desenvolvimento de uma estratégia nacional para redução de riscos de desastres e resiliência na Suécia

O aumento dos impactos de perigos em todo o mundo, incluindo a Suécia, levou a esforços internacionais para promover o desenvolvimento de estratégias nacionais para redução de riscos de desastres (RRD) e resiliência para reduzir os impactos associados e apoiar o desenvolvimento sustentável. O desenvolvimento de tais estratégias é o objetivo global E do Quadro de Sendai para a RRD 2015-2030, que foi adotado em 2015 pela Suécia e outros países membros da ONU.

O objetivo geral deste estudo foi apoiar MSB na implementação da meta global E da Estrutura de Sendai para RRD. O objetivo específico era fornecer conhecimento e recomendações para a tomada de decisões. Isso inclui a análise da relevância e do escopo do desenvolvimento de uma estratégia nacional para RRD e resiliência. O estudo também identifica fatores e barreiras para criar coerência política e suporte em nível local. De fato, trata do que considerar no desenvolvimento de estratégias nacionais e locais e fornece informações sobre como obter coerência com as leis e estratégias atuais. Além disso, o estudo aborda os desafios de atender aos dez critérios do UNDRR para estratégias de RRD e quatro áreas prioritárias, bem como a importância de selecionar bons indicadores. Além do contexto e condições locais,

Os resultados mostram que há uma clara necessidade e amplo apoio para o desenvolvimento de uma estratégia nacional de RRD e resiliência na Suécia, a fim de melhorar as abordagens atuais, solucionar as deficiências e desenvolver os pontos fortes existentes. A inclusão de medidas concretas e o orçamento associado são necessários para que a estratégia se torne útil e eficaz para a sociedade sueca. Destaca-se também que o processo de desenvolvimento e implementação de uma estratégia nacional é igualmente ou até mais importante que a própria estratégia. Recomendações específicas para uma estratégia nacional são descritas neste relatório.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/69431_69431msbfinalreportdevelopinganatio.pdf

Água potável. Um guia da indústria para aumentar a resiliência

Esta cartilha é um breve documento que apresenta os princípios elementares da resiliência que regem o setor de Água Potável e faz parte de um conjunto de conhecimentos, ferramentas e abordagens que a Mudança de Resiliência está produzindo, financiando e com curadoria, destinada a ajudar os responsáveis pelo financiamento, planejamento, projeto, entrega, operação e manutenção de sistemas críticos de infraestrutura para mudar a prática.

O mandato é contribuir para um entendimento comum entre os setores críticos de infraestrutura sobre o que contribui para a resiliência e como isso pode ser alcançado na prática. Construir resiliência em seus sistemas de infraestrutura, em todas as suas cadeias de valor, permitirá evitar ou mitigar choques e tensões identificados e responder melhor aos eventos que você não pode prever ou evitar.

FONTE: https://www.resilienceshift.org/wp-content/uploads/2019/10/RP-Potable-Water_Final_Pages.pdf



Abordagem de resiliência à água na cidade

A Abordagem de Resiliência à Água da Cidade responde a uma demanda por abordagens e ferramentas inovadoras que ajudam as cidades a criar resiliência à água em escala urbana. A Abordagem de Resiliência da Água da Cidade foi desenvolvida para ajudar as cidades a aumentar sua capacidade de fornecer recursos hídricos de alta qualidade a todos os residentes, protegê-los dos perigos relacionados à água e conectá-los através de redes de transporte baseadas na água ("fornecer, proteger, conectar")

A abordagem é o resultado de trabalho de campo e pesquisa de mesa, parcerias colaborativas com especialistas no assunto e envolvimento direto com parceiros da cidade. Com base nesta pesquisa, a Abordagem de Resiliência à Água da Cidade descreve um processo para o desenvolvimento da resiliência à água urbana e fornece um conjunto de ferramentas para ajudar as cidades a aumentar sua capacidade de sobreviver e prosperar diante de choques e tensões relacionados à água.

Com as cidades em todo o mundo com um crescimento estimado de 2 bilhões de habitantes até 2050, há uma necessidade urgente de gestão urbana da água que garanta serviços consistentes, adequados e de alta qualidade para todos. No entanto,

a escala e a complexidade dessa necessidade apresentam novos desafios aos tomadores de decisão no governo, sociedade civil e setor privado.

FONTE: https://www.resilienceshift.org/wp-content/uploads/2019/04/CWRA_City_Water_Resilience_Approach.pdf



A mudança climática está tornando eventos climáticos específicos mais extremos

Este relatório apresenta avaliações em 21 novas análises revisadas por pares de clima extremo em cinco continentes e um mar em 2018. Ele apresenta a pesquisa de 121 cientistas de 13 países que analisam observações históricas e simulações de modelos para determinar se e por quanto a mudança climática pode ter influenciado eventos extremos específicos. Também analisa como as mudanças climáticas causadas pelo homem podem ter afetado a força e a probabilidade de eventos extremos individuais.

FONTE: <https://www.ametsoc.org/ams/index.cfm/publications/bulletin-of-the-american-meteorological-society-bams/explaining-extreme-events-from-a-climate-perspective/>



Resiliência crítica da infraestrutura: entendendo a paisagem

A resiliência emergiu como uma agenda crítica para o século XXI. Isso é uma resposta ao crescente reconhecimento da diversidade de choques e tensões associados às pressões ambientais, econômicas, sociais e tecnológicas, que são agravados pela incerteza associada à rápida urbanização, mudanças climáticas e limitações de recursos.

A complexidade dos sistemas interdependentes que suportam uma população global crescente e da qual depende o futuro bem-estar da sociedade. A capacidade da infraestrutura crítica de acomodar tanto o esperado quanto o inesperado é um pré-requisito para garantir a segurança da vida e da propriedade nas próximas décadas.

A mudança de resiliência busca desenvolver uma compreensão robusta do que isso significa na prática, dentro e entre os principais setores críticos de infraestrutura em todo o mundo. Isso exigirá a criação de novos conhecimentos, abordagens, ferramentas e capacidade que transformarão a maneira pela qual a infraestrutura é planejada, projetada, construída e operada.

FONTE: https://www.resilienceshift.org/wp-content/uploads/2019/01/Critical-infrastructure-resilience_RevA_Final_011018.pdf

 THE RESILIENCE SHIFT

 Global
Infrastructure
Basel

 The
Schumacher Institute

Ferramentas para oficinas de infraestrutura resilientes

O projeto Ferramentas e Abordagens, parte da atividade de Mudança da Resiliência 'Tornando a resiliência tangível, prática e relevante', tem como objetivo identificar, avaliar e promover a adoção das ferramentas e abordagens que contribuem para aprimorar a resiliência da infraestrutura crítica, tornando-as acessíveis àqueles quem se beneficiará.

O projeto realizou uma série de três workshops focados em ferramentas e abordagens para explorar maneiras e meios de implementar a resiliência crítica da infraestrutura. Os workshops reuniram usuários (tomadores de decisão, influenciadores e profissionais) com um papel na operação e manutenção de infraestrutura crítica com desenvolvedores de ferramentas e abordagens para aumentar a resiliência.

FONTE: <https://www.resilienceshift.org/wp-content/uploads/2019/10/Resilience-Shift-Tools-Workshop-London-FINAL.pdf>

FONTE: <https://www.resilienceshift.org/wp-content/uploads/2019/10/Resilience-Shift-Tools-Workshop-Washington-FINAL.pdf>

FONTE: <https://www.resilienceshift.org/wp-content/uploads/2019/10/Resilience-Shift-Tools-Workshop-NewOrleans-FINAL.pdf>



Resiliência de classificação: fatorando a resiliência climática em métricas de risco de infraestrutura

Este artigo propõe uma estrutura para definir métricas de risco para capturar a resiliência climática em ativos de infraestrutura. Primeiramente, descreve os riscos aos quais a infraestrutura está exposta no futuro das mudanças climáticas, antes de resumir algumas das abordagens atuais usadas por grandes organizações de investimento para medir a resiliência dessa infraestrutura. Finalmente, o artigo propõe um método para desenvolver uma estrutura para métricas de risco que se baseie nessas abordagens.

FONTE: https://www.orfonline.org/wp-content/uploads/2019/03/ORF_Special_Report_84_Rating_Resilience.pdf

Relatório da pesquisa da OMS sobre saúde e mudanças climáticas: acompanhando o progresso global

Este relatório apresenta as conclusões globais da Pesquisa de Saúde e Mudança Climática da OMS 2017/2018, concluída pelos serviços nacionais de saúde. Atualizações regulares sobre os principais indicadores de saúde e mudança climática capacitam os formuladores de políticas a fazer escolhas mais informadas para: avaliar a implementação de políticas e planos, identificar lacunas de evidência e entender melhor as barreiras para alcançar as prioridades de adaptação e mitigação da saúde.

Este relatório fornece um instantâneo vital do progresso geral que os governos fizeram no campo da saúde e das mudanças climáticas até o momento, bem como informações sobre o trabalho que resta para proteger suas populações dos impactos mais devastadores para a saúde das mudanças climáticas.

Os Perfis de Países da Saúde e Mudanças Climáticas da UNFCCC da OMS, desenvolvidos em colaboração com os serviços nacionais de saúde, são instantâneos baseados em dados dos perigos climáticos e impactos esperados na saúde dos países afetados pelas mudanças climáticas. Eles destacam oportunidades de co-benefícios para a saúde de ações de mitigação do clima e acompanham as respostas políticas atuais em nível nacional. O objetivo dos perfis é aumentar a conscientização sobre os vínculos entre saúde e clima e promover ações que melhorem a saúde e fortaleçam a resiliência climática dos sistemas de saúde e, ao mesmo tempo, reduzam as emissões de carbono.

FONTE: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/329972/WHO-CED-PHE-EPE-19.11-eng.pdf?ua=1>

O ambiente europeu - estado e perspectivas 2020. Conhecimento para a transição para uma Europa sustentável

Em 2020, a Europa enfrenta desafios ambientais de escala e urgência sem precedentes. Embora as políticas ambientais e climáticas da UE tenham proporcionado benefícios substanciais nas últimas décadas, a Europa enfrenta problemas persistentes em áreas como perda de biodiversidade, uso de recursos, impactos das mudanças

climáticas e riscos ambientais à saúde e ao bem-estar. Megatendências globais, como as mudanças demográficas, estão intensificando muitos desafios ambientais, enquanto as rápidas mudanças tecnológicas trazem novos riscos e incertezas.

Reconhecendo esses desafios, a UE se comprometeu com uma série de metas de sustentabilidade a longo prazo, com o objetivo geral de 'viver bem, dentro dos limites do nosso planeta'. A consecução desses objetivos não será possível sem uma mudança rápida e fundamental no caráter e na ambição das respostas da Europa.

A Europa precisa encontrar maneiras de transformar os principais sistemas sociais que impulsionam as pressões ambientais e climáticas e os impactos na saúde - repensando não apenas tecnologias e processos de produção, mas também padrões de consumo e modos de vida. Isso exigirá ação imediata e concertada, envolvendo diversas áreas políticas e atores de toda a sociedade para possibilitar mudanças sistêmicas.

FONTE: <https://www.eea.europa.eu/publications/soer-2020>



Estudo aponta impactos das mudanças climáticas em DF, Goiás e Minas Gerais

A Secretaria do Meio Ambiente do Distrito Federal apresentou no início deste mês (6) em Brasília estudo técnico com projeções climáticas para o Distrito Federal, 29 municípios de Goiás e quatro de Minas Gerais. A análise foi apresentada a representantes da academia, de órgãos do Governo do Distrito Federal (GDF) e da sociedade civil.

A partir de modelagens brasileiras e internacionais, o estudo apontou diferentes cenários impostos pelas mudanças climáticas até 2100, como tendência de elevação da temperatura, umidade relativa do ar mais baixa, menor quantidade de chuva concentrada em períodos mais curtos, mais tempestades e estação seca mais prolongada. A pesquisa também considerou nove bacias hidrográficas inseridas na região.

Realizado pelo Centro de Gestão de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (CGPDI), com supervisão da SEMA-GDF, o estudo integra o projeto CITInova, coordenado nacionalmente pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

“É uma das entregas muito importante do CITInova, que tem essa intenção de promover estudos e inovações que auxiliem gestores na tomada de decisões na perspectiva de cidades sustentáveis”, afirmou Alexandra Reschke, coordenadora técnica do projeto.

Acompanhado da atualização do inventário de emissões de gases de efeito estufa no DF, esse trabalho irá subsidiar a elaboração da estratégia de “Enfrentamento às Mudanças do Clima do Distrito Federal”, inserida nos Planos de Adaptação e de Mitigação, em desenvolvimento pela SEMA.

Presente no evento, o secretário do Meio Ambiente, Sarney Filho, destacou que o prognóstico vai possibilitar a adoção de políticas públicas voltadas para a mitigação e adaptação aos efeitos das mudanças do clima.

Ao lembrar a crise no abastecimento de água enfrentado pelo DF em 2017, o secretário afirmou que a consequência mais grave será a insegurança hídrica. “Daí a importância de sabermos os cenários que nos esperam para buscar, desde já, soluções.”

Para Rodrigo Braga, da Coordenação Geral do Clima do MCTIC, o diagnóstico é um primeiro passo para que iniciativas sejam tomadas. Esse diagnóstico irá permitir que “gestores públicos, o setor privado e a sociedade civil tenham elementos para um planejamento de longo prazo”, complementou Nazaré Soares, coordenadora técnica do projeto no âmbito da SEMA-GDF.

As projeções climáticas auxiliarão também análises como o impacto das mudanças do clima nas bacias hidrográficas, nos usos múltiplos da água, na energia, nas atividades agropecuárias e no uso do solo, dando suporte à atuação do Governo do Distrito Federal.

De acordo com Chou Sin Chan, coordenadora técnica do estudo apresentado, a baixa umidade no DF deve ser agravada nas próximas décadas. “A tendência é de redução da umidade relativa do ar dos atuais 35% a 55% para 20% a 45% no final do século.”

Para a coordenadora geral da pesquisa, Iracema Cavalcanti, uma das recomendações possíveis a partir dos resultados é a necessidade do aumento da vegetação. “Nas imagens dos mapas vemos grandes extensões com cobertura de arbustos e gramíneas, e poucas árvores”, disse.

Em relação às chuvas, os índices de precipitação mostram, com confiabilidade média a alta, uma redução na precipitação anual acumulada, um aumento do número consecutivo de dias de estiagem e uma redução do número de dias consecutivos chuvosos, comparado ao período histórico, em todas as áreas pesquisadas.

Os índices de temperatura indicam, com alta confiabilidade, uma redução no número de noites frias, aumento no número de noites quentes, redução no número de dias frios e aumento dos dias quentes. No final do século, as temperaturas poderão subir 3 graus Celsius em relação ao período histórico, entre 2 e 5°C no cenário mais otimista e entre 6 e 8°C no pior cenário.

Metodologia

A pesquisa regionalizou os resultados de quatro modelos climáticos globais (MIROC5, HadGEM2-ES, CanESM2 e BESM) por meio do modelo Eta do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Foram também utilizados dois cenários de emissão de gases de efeito estufa, propostos pelo IPCC no seu Quinto Relatório: RCP4.5 e RCP8.5, com análises para três períodos futuros: 2011 a 2040, 2041 a 2070 e, 2071 a 2099.

Como referência, foi utilizada a climatologia oficial do Brasil, considerando-se o período entre 1961 e 1990 e as variáveis meteorológicas de temperatura do ar, precipitação, vento, umidade relativa e radiação solar à superfície terrestre. A resolução espacial utilizada variou de 20 a 5 km para toda a região o que, em termos de estudos de clima, representa altíssima resolução.

CITInova é um projeto multilateral realizado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), com apoio do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF, na sigla em inglês), implementação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), e executado em parceria com Agência Recife para Inovação e Estratégia (ARIES) e Porto Digital, em Recife; Secretaria do Meio Ambiente (SEMA/GDF), em Brasília; Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e Programa Cidades Sustentáveis (PCS).

Com informações da Assessoria de Comunicação da SEMA-GDF

FONTE: <https://www.unenvironment.org/pt-br/noticias-e-reportagens/press-release/estudo-sobre-projecoes-climaticas-no-distrito-federal-indica>



Procedimentos operacionais padrão - avaliação de necessidades após desastre Índia

Foi feita uma análise minuciosa dos pontos fortes e fracos do sistema existente para estimar os efeitos e impactos de desastres e a avaliação das necessidades de recuperação e reconstrução na Índia. Essa análise, conduzida à luz das práticas internacionais atuais, revela que o sistema existente na Índia pode ser descrito como centrado no alívio.

Embora o sistema existente seja eficiente na definição dos montantes da assistência prestada à população afetada de acordo com os critérios previamente definidos, e permita o pronto desembolso dessa assistência às pessoas afetadas por desastres, ele não permite a estimativa abrangente e sistemática impacto geral do desastre, nem a estimativa científica das necessidades de recuperação e reconstrução e a estimativa dos requisitos financeiros para esse fim.

Os dados coletados para essas avaliações de resposta são insuficientes para permitir uma análise completa e científica das consequências do desastre nas condições de vida, qualidade de vida e no desenvolvimento socioeconômico das pessoas afetadas. Como resultado, a recuperação é deixada quase exclusivamente à iniciativa e à capacidade de cada pessoa afetada e leva um tempo desnecessariamente longo, frustrando as aspirações das pessoas e atrasando seu retorno aos níveis normais de bem-estar.

FONTE: https://nidm.gov.in/PDF/pubs/sop_pdna.pdf



Riscos climáticos de início lento requerem um forte mecanismo de governança

Os extremos climáticos e os desastres de início rápido resultantes do aquecimento global, como inundações, furacões e ondas de calor, ocupam cada vez mais espaço na mídia e nos debates políticos. Impactos de início lento, no entanto, como aumento do nível do mar, acidificação dos oceanos, recuo glacial, salinização, desertificação, degradação de terras e florestas e perda de biodiversidade, também têm consequências a longo prazo que não podem ser negligenciadas.

Em 2013, as Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) reconheceram os riscos crescentes relacionados às mudanças climáticas e estabeleceram o Mecanismo Internacional de Varsóvia para Perdas e Danos (WIM) de Varsóvia. O WIM fornece assistência técnica aos países em desenvolvimento para evitar, minimizar e tratar perdas e danos residuais causados por condições climáticas extremas e eventos climáticos de início lento.

FONTE: https://www.die-gdi.de/uploads/media/German_Development_Institute_Aleksandrova_Boran_14.10.2019.pdf

EVENTOS



Conferência sobre Oceanos em Lisboa 2020 abre “super ano” de temas ambientais

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, ONU Meio Ambiente, considera a Conferência da ONU sobre Oceanos de Lisboa um dos eventos-chave marcados para 2020.

A agência vê os próximos 365 dias como “super ano” para o meio ambiente, porque os maiores encontros internacionais “definirão o tom e a agenda da ação ambiental na próxima década”.

Ação

O evento, marcado para 2 junho, na capital de Portugal, reúne representantes de governos, ONGs, sociedade civil, academia, comunidade científica, setor privado e filantropia.

A Conferência sobre Oceanos, coorganizada por Portugal e Quênia, deve adotar uma declaração intergovernamental sobre a ação climática com base na ciência e vários compromissos voluntários dos países. A meta é apoiar a implementação do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável número 14, sobre a Vida na Água.

Esta será a segunda reunião global após o evento de Nova Iorque em 2017.

Conservação

Ainda em 2020, durante 11 e 19 junho, a França abrigará o Congresso Mundial da União Internacional para Conservação da Natureza em Marselha.

Já a Semana Mundial da Água destacará ciência e inovação, de 22 a 28 de agosto em Estocolmo, na Suécia.

A ênfase global na ação em prol da natureza também marcará o primeiro dia dos Debates de Alto Nível da 75ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, juntando líderes globais numa cúpula sobre a biodiversidade. Em 27 de setembro, a ONU celebra os cinco anos do lançamento dos ODSs.



Unicef/Fati Abubakar

Semana Mundial da Água destacará ciência e inovação, de 22 a 28 de agosto em Estocolmo, na Suécia.

Alarme

E os eventos seguirão em outubro na cidade chinesa de Kunming, que recebe entre 5 e 10 de outubro a Conferência da ONU sobre Biodiversidade.

A comunidade internacional voltará a encontrar-se entre 9 e 20 de novembro na cidade escocesa de Glasgow na Conferência da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, COP26.

A ONU Meio Ambiente lembra que uma das marcas de 2019 foram os apelos repetidos de cientistas sobre a degradação da biodiversidade e a emergência climática.

Extinção

A agência da ONU destaca que grande parte dos governos reconhece que o mundo enfrenta uma crise ambiental sem precedentes, com muitas espécies à beira da extinção e o aumento das temperaturas globais.

Mesmo com soluções naturais em prol do bem-estar humano, para enfrentar mudanças climáticas e proteger o planeta, a agência alerta para a contínua perda de espécies a uma taxa mil vezes maior do que em qualquer outro momento da história.

O ONU Meio Ambiente destaca a dependência humana pela estabilidade e funcionamento de ecossistemas para sobreviver, além de ações urgentes para que o mundo siga em direção de um futuro mais sustentável em 2020.

FONTE:https://news.un.org/pt/story/2019/12/1698851?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=0774f2ad47-

EMAIL_CAMPAIGN_2019_12_26_01_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-0774f2ad47-105027597



<https://eird.org/americas/pr2020/esp/>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>